



# Gaiacito



**PORTE  
PAGO**

Quinzenário

6 de Maio de 1989

Ano XLVI — N.º 1178 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Americo

## IN MEMORIAM DO SENHOR D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES

COM timidez me atrevo ao uso da costumada fórmula porquanto sei que ninguém logrará fixar perenemente a memória de ninguém, se este não foi Alguém que em sua vida a gravou indelével, mediante o esforço de efectivar o projecto de Deus para si, com o objectivo supremo — único, talvez — de alcançar a Sua aprovação.

Feliz o homem cuja hora coincide com o «tudo está consumado» — tudo quanto Deus quis dele. Este é o que se apaga em Paz, passando pela morte, simplesmente, como cumpriu a vida. Este é o homem a quem os valores absolutos da Verdade, da Justiça, da Fraternidade apareceram, não como conceitos abstractos, sim a realidade mais concreta que há-de dar forma à vida; potências que deve cada homem transformar em acto — o seu acto de viver.

Foi assim o Senhor D. António. Um homem que não deu descanso à sua inteligência; e a partir do exercício dela, iluminado pela Fé, exprimiu-se e agiu em coerência, em simplicidade, como o rio corre da fonte para a foz.

Deus é simples. Quer dar-Se a conhecer. Criou o homem para que este O veja e participe eternamente da Sua grandeza. A pequenez do homem é que faz o mistério. A recusa do Caminho que leva à Visão, faz a sua desgraça. Quem, aqui e agora, participa já, na medida possível, da grandeza de Deus, recebendo e cultivando os dons que Ele faz, vai-se convertendo à simplicidade.

Eu guardo de D. António esta imagem de um homem simples porque verdadeiramente grande, porque profundamente referenciado em Deus e na Sua Revelação. E por isso, nele, o trato humano, emergindo de uma só aparente frialdade, comunicava segurança e permitia-nos saborear na sua solicitude de Pastor, o bafo do Pai.

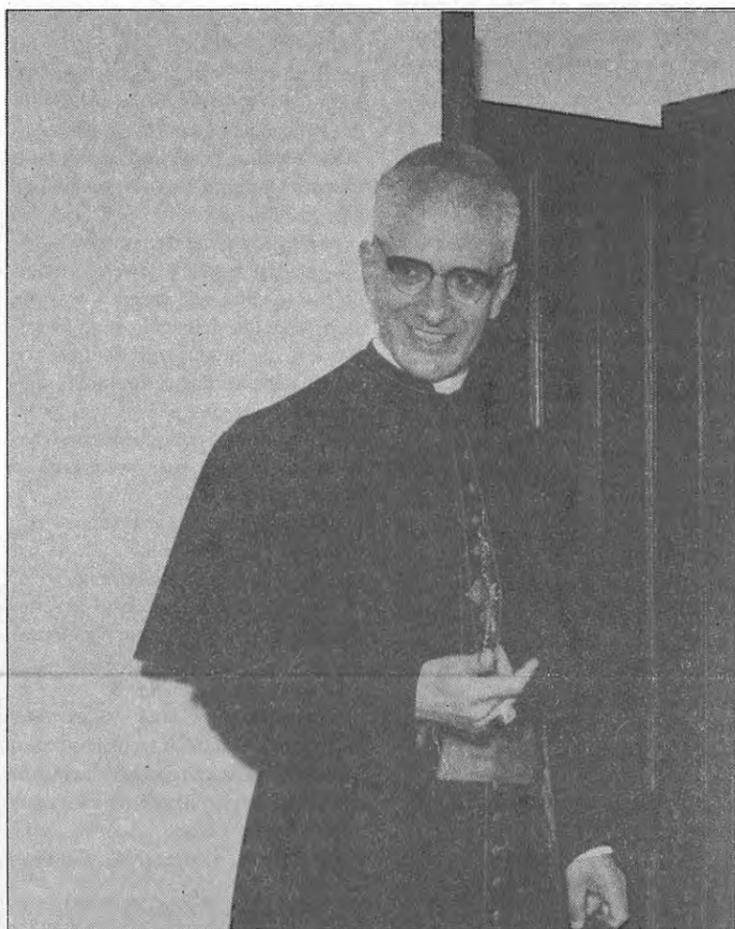
Quanto lhe ficou devendo a nossa pequenez, ela, sim, causa de risco: o de nos deixarmos embarçar nas teias complicadas em que o mundo é pródigo!

Daí, tímidamente embora, o *in memoriam* que regista, sobretudo para a nossa grande Família sempre a crescer, a passagem de um Amigo profundamente consciente (como era próprio dele e da sua missão) da

virtude da Obra e dos defeitos dos obreiros. Por isso nos foi presença constante desde a sua entrada na diocese do Porto, discreta nas horas fáceis, inequivocamente manifesta nas horas dolorosas — que algumas delas, sem ele, poderiam ter sido de ruptura. Deus não quis. Nem ele.

Nunca poderemos esquecer a alegria com que o Senhor D. António deu à Obra o primeiro padre do seu presbitério e o compromisso que então assumiu perante ela. Foi a primeira palavra pública e solene de um Bispo a respeito da Obra da Rua. Para ela foi um outro *dia natal*.

A sua última visita ocorreu em 23 de Outubro de 1987. Com muito sacrifício — bem o sabíamos — aceitou vir celebrar em Paço de Sousa o centenário de Pai Américo. A sua presença foi a nossa festa nesse dia grande.



D. António Ferreira Gomes, em Beire, quando da inauguração do Calvário — vão lá trinta e dois anos.

Depois... Deus tenha olhado a azáfama da nossa vida e nos perdoe as tantas vezes que lhe passámos à porta sem bater, sabendo quanto

uma visita amiga o confortava. Agora, é mais uma luz que se acendeu no Céu a tornar mais viva também a nossa luz.

Padre Carlos

## CALVÁRIO

### • Reflexão

1 Lares, Centros de Dia, Abrigos, Creches, Jardins de Infância, Infantários e Recolhimentos... Fogo santo que ateou! São as Misericórdias, são as Paróquias, as Câmaras e os Serviços Sociais. Uma cruzada!

Pena, porém, que os sem voz e sem dinheiro poucas vezes tenham lugar... Mais profunda pena que, nesses lares e bonitos centros, não se destinasse um cantinho para os deficientes... Quem aceita um deficiente profundo daqueles que todos os dias borram ou mijam a cama ou o chão encerado? Sobretudo, se (deficiente e pobre) não puder compensar largamente o «Lar» ou a «Ordem».

Não couberam dentro dos projectos de Lares, Centros e Hospitais... Também não podem macular a ordem e a limpeza, economicamente estabelecidas, das «antigas Ordens» de caridade cristã.

Começa a ouvir-se na Igreja e no campo social a voz suave e persistente de um sino... Um certo acordar!

Será, queira Deus, um começo que nos conduzirá a uma mudança de mentalidades e estruturas?

Não foi a Igreja que sempre começou: a tratar dos leprosos, dos loucos e dos estropiados?

Esta reflexão, precisamente, diante duma menina, deficiente mental, sentada num cepo, à porta da casa térrea e pobre. A mãe morreu cancerosa. O pai: «Sabe?, ela está sujeita...» — disse-me com angústia na voz. Além de esquecida, ainda sujeita!

Quando D. Helder da Câmara foi para Bispo de Recife, ao entrar no palácio que lhe foi destinado, sorriu para o jardim cheio de belos canteiros, de bonitas flores. Ele sabia que dali a pouco seriam pisadas pelos Pobres. E foram.

Deixemos, também, que os deficientes pisem as nossas flores com seus carrinhos de rodas; e os loucos atirem ao chão as baixelas das nossas pousadas de negócio.

## FESTAS

Como resultado evidente de uma pedagogia evangélica, as Festas estimulam quantos participam: actuando e observando.

Os mais pequeninos — pela perfeição com que realizam os seus números e pela ternura e encanto irradiados da sua presença inocente — seduzem os espectadores e dão ao palco uma renovada fascinação jamais encontrada noutras representações.

As nossas Festas têm por detrás, muito escondida, a dádiva abnegada e o mês de férias do Octávio que se sacrificou, até à heroicidade, para as elevar a um nível artístico dificilmente ultrapassável. É muito raro, mesmo no mundo dos crentes,

Continua na página 4

Continua na página 3

# PELAS CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

**PECUÁRIA** — As vacas estão gordinhas, pois são bem tratadas pelos nossos vaqueiros. Na quarta-feira, (18/4/89) uma deu à luz uma vitelhinha muito saudável.

**GRUPO DA LENHA** — Este grupo, mercê do apoio do Neca, seu responsável, tem a nossa Aldeia muito limpa e bela. Os jardins, nesta altura, ficam mais bonitos com as flores a brotar.

É um grupo muito unido e temos que nos unir a eles, também, porque a união faz a força.

**CASOS** — Fugiu mais um rapaz, dos poucos que não resistem à tentação... Mas regressou a nossa Casa com muita alegria e saudades dos amigos. É o «Batata Velha».

**DESPORTO** — Defrontámos uma equipa de Castelo de Paiva. Os primeiros 45 minutos não correram bem à nossa equipa. Ao intervalo: 1-1. Na segunda parte as coisas melhoraram e praticámos melhor futebol. Bola sempre nos pés... Resultado final, um empate: 2-2.

**SEMENTEIRA** — Procede-se à preparação dos campos para a sementeira. É preciso arejar a terra para depois se colocar a batata nos regos feitos pelo tractor. A semente é boa e, se o tempo ajudar..., tudo leva a crer que teremos uma boa colheita para tantas bocas da nossa Comunidade.

Paulo Jorge S. Lourenço

## MIRANDA DO CORVO

**FESTAS** — Para um programa de Festas é necessário muito trabalho: Reuniões a seguir a reuniões. A maior parte das vezes sem nada de concreto. Mas os ensaios dão o toque... Até mesmo num ensaio geral surgem modificações!

Por outro lado, quando tudo parece caminhar num determinado sentido, encontram-se barreiras a dificultar o caminho...

Por fim, na primeira e segunda Festas, há sempre pormenores a modificar!

Este ano, a primeira parte surge à

volta dum ovo. Uns procuram destruí-lo; outros defendem-no. Assim é caracterizada a amizade dum garoto com um cruzeiro — a realidade e a ficção. A amizade defende o segredo, o ninho novo, apoderado por figurantes representando a sociedade em que o ovo (a vida) está em jogo: a violência com que é encontrado o ninho; a falta de Direitos da Criança; a total indiferença; a droga; o divórcio e o abandono da criança; o dinheiro e suas consequências; a solidão e o desprezo pelos idosos, pelos doentes incuráveis e deficientes.

Em todas as encenações, o garoto, ao querer o ovo, defende: a não violência; os Direitos da Criança; da juventude, do adulto, do idoso, do doente incurável e do deficiente. Também o pão para todos, a habitação, o dinheiro como instrumento fraterno de troca, o amor e a paz.

— E como serão declarados?

— Os figurantes, resolvem o futuro do ovo (a vida) pela guerra e o garoto ao defendê-lo, é atingido e cai inerte. Situação que produz (nos figurantes) o reconhecimento do que fizeram e, conseqüentemente, uma mudança: Colocam o ovo (formado pelos decretos) nas mãos do garoto, para reconstruir o ninho.

Em conclusão: O segredo tem direito a ser segredo; todo ninho terá o seu ovo, e lá dentro um passarinho novo!

A segunda parte compõe-se de variedades: Humor no Centro Comercial «Passa-Léria», canções dos «Batatinhas» (como caramelos) e danças.

Um apontamento com música sobre os Descobrimientos. E fechamos o programa com a canção da Unicef, em versão portuguesa: «Temos de ser nós».

Guido

## Conferência de Paço de Sousa

• Foi marginalizada pelos seus, talvez por ser algo diminuída. No entanto, procura sobreviver e só pede maior ajuda quando atinge a exaustão.

Sofre várias doenças e anda pela mão dos médicos, que chegaram à conclusão de que necessita de ser internada para observações. Mas a ordem tarda. A mulher *desespera*.

Um calvário dos Pobres, nos meandros da Saúde!

Precisa de rigorosa dieta. Todavia... «s'eu, agora, não ganho nada, com'ê que posso fazer outras comidas?!»

Nestas lidas, temos de usar uma delicada curiosidade... Guardava receituário na saqueta! A doente cai suspensa. Com mãos trémulas, abre a taleiga, mostra e... afirma: — Não tenho prò comer, q'anto mais pròs rumédios que me fazem falta!

Ontem, como hoje, muito sofrem os Pobres, na hora da doença!

O vicentino vai suprimindo carências pontuais. Mas, é preciso que a paciente seja chamada ao mundo dos hospitais. Quantas vezes as ordens são despachadas após a morte!

É assim o calvário dos Pobres neste cantinho da Península — «a caminho da CEE»!

**PARTILHA** — Aquela presença, muito assídua, do Fundão, torna em dia de festa: «Passou o meu 76.º aniversário, pelo que meus irmãos deram-me dinheiro para comprar lembranças. Lembrei os vossos Pobres. Aproveito para enviar, também, a minha mensalidade de Abril (5.000\$00) para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, com abraços amigos». Mais um crédito para o Livro da Vida!

O vale de correio, da assinante 27073, «para um dos mais necessitados». Das terras sadinas, a assinante 25881 vem por aí acima — d'alma cheia — pedindo «desculpas pela falta de notícias»; até «para o nosso querido jornal O GAIATO, sempre tão certinho e tão cheio de Evangelho, imbuído na vida de cada dia. Sinto que é a minha Salvação e a minha condenação — pois não posso dizer que não sei que o meu irmão sofre, tem necessidade, é esquecido, maltratado; não, eu é que o omito no meu dia-a-dia com as minhas pressas, a minha vida, o meu eu, etc. Senhor!, ajuda-me a mudar o que posso. Tu sabes da minha fraqueza. Mas, contigo no coração tudo se pode».

Formidável Oração!

A nossa «Avozinha», de Sintra, persevera e testemunha: «Apenas isto: Junto o prometido para a 'Família do costume', 4.500\$00. Um grande abraço, de estima, pelo vosso empenhamento em ajudar os nossos irmãos desvalidos». Retribuímos, na mesma medida.

De Rio Tinto, o assinante 17258 mantém o «pagamento da renda de casa da viúva»: 1.250\$00. Um discípulo, da extinta Escola Comercial Mouzinho da Silveira, Porto, quando se nos dirige, lembra, sempre, os nossos Pobres. Cinco mil escudos da assinante 21358, de Pardelhas (Murtosa): «Pequena oferta para a Conferência de Paço de Sousa. É uma promessa. Como sou viúva, gostaria que fosse para ajudar alguma mais necessitada». Cumprimos!

1.500\$00 da assinante 16415, de Barcelos. O costume, de Vilares (Vila Franca das Naves); e um recado: «Em 2 de Abril fiz 73 anos. Sou doente do coração. Não posso trabalhar. Só vivo da reforma. Quando não mandar é porque estou muito mal. Rezem por mim». É a Fé que nos salva!

Assinante 19177, do Porto: «Mais uma vez estou a cumprir o meu dever» — assim o diz, com fervor. Dez contos, de Seia: «Peço que aceitem este pequeno donativo para qualquer carên-

cia mínima. Que o Senhor o multiplique e vos cumule de bênçãos, da Sua Luz e da Sua Força em caminhada abençoada».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## SETÚBAL

**VISITAS** — O convívio, em nossa Casa, tem sido muito frequentado. Agora, os vicentinos passaram o dia conosco e divertiram-se na companhia dos nossos rapazes.

Também os nossos amigos e vizinhos, da Quinta do Anjo, deram uma passagem rápida pela nossa Casa.

Agradecemos as visitas.

Martinho Lopes

# Património dos Pobres

Ainda ando por estas serras do centro. É difícil sair daqui, não só porque os carreiros nos fazem perder nos seus labirintos, mas sobretudo, porque as situações degradantes em que tantos permanecem, nos obrigam a encará-las com cuidado e atenção.

Esta paróquia tem quarenta lugares dispersos. O pinhal esconde-os nas suas copas. É preciso penetrar nelas para os encontrar. Gente humilde esgravata, por toda a parte, esta terra ingrata para sobreviver. E sobrevive, num ritmo e numa paz que não se usufruem nos grandes centros de população.

Vou pela mão do pároco. Se não fora o meu companheiro, estava, por certo, perdido. Os estradões cruzam-se por todo o lado e em todas as lombas do terreno. Os carros de bois rodam lentos e dão sinal de vida e de proximidade de aldeias. Transportam mato para as cortes e estrume para as hortas. Neste lugar são poucas as casas. O pano de fundo é o pinhal. À sombra de um sobreiro que veio aqui nascer errante e impor-se, dizendo que também tem o seu lugar, umas dependências cobertas com placa de cimento. Entramos. É a cozinha térrea onde crepita o lume e uma panela de ferro fumeja. Desalinho, sujidade são causa e efeito dum viver sem gosto. Ao lado, outro aposento. Temos que dar a volta saindo à rua. São dois quartos com paredes a não chegarem ao tecto. As portas são cortinas de chita. O piso de terra está negro. As camas cobertas com roupa enegrecida e enrolada. Voltamos à rua para de novo entrarmos, desta vez, no terceiro compartimento. É o dos animais. Dois suínos não gostam de nos ver. Quem chega a esta moradia, e dá com três portas, não sabe qual é a das pessoas ou a dos animais.

Vivem aqui sete indivíduos. Os pais andam no campo, a dias. Os filhos saltitam, meio nus, em torno da casa à mistura com as galinhas e um cão. Vão à escola de vez em quando, que os pais não vêem a necessidade de tal e não conduzem os filhos para aquela.

Convencer este casal a melhorar a casa, não é fácil. Desta primeira conversa não saímos convencidos. Mas vamos voltar. Quem dera que eles queiram ser ajudados. Se imaginassem a nossa alegria em os ajudar, davam logo a afirmativa.

Despertar o sentido da dignidade própria, às vezes, é coisa de anos, e de muita presença amiga. Têm aqui uma palavra muito oportuna a dizer os grupos sócio-caritativos.

A poucos metros de distância, entramos num quinteiro onde uma ramada deseja fazer sombra acolhedora. Galinhas debicam no chão. Ao ranger do portal fogem espavoridas. A um canto há areia. Há ferramenta. Temos o sinal dum desejo. Ficamos contentes. O dono da casa envelhecida anda a juntar material para restauro da sua habitação. São oito filhos. E todos a dormir no mesmo compartimento. E alguns já são grandes. O Património dos Pobres vai dar um empurrão. E, em breve, haverá mais alegria e conforto neste lar.

Estes pequenos auxílios a famílias carenciadas de habitação têm um valor pedagógico muito grande, porque vão despertar sonhos esquecidos, alimentar desejos antigos, estimular vontades enfraquecidas. Eles têm sido, de facto, uma pequena mas preciosa alavanca com que muitos Pobres põem de pé a sua casita nova.

Padre Baptista



Filhos do «Salsichas»: Sérgio Filipe (de quatro anos) e Ricardo Emanuel — o mais pequenino.

# Do que nós necessitamos

**Mexer, inquietar** — são verbos do vocabulário comum das cartas que recebemos. Significam mudança; e, sem ela, não há vida.

«O GAIATO de 8 de Abril mexeu comigo... Entendam-se com esse papel (um cheque de cem mil escudos). Saúde e Graça de Deus.» O desprendimento dos bens materiais facilita a subida da montanha para ver os caídos; e a descida para levá-los. O casal muito unido vem, desta vez, com 15.000\$00. Mais inquietação: «Junto envio um cheque de treze mil escudos que foi a 1.ª mensalidade que recebi como pensão de velhice». É dinheiro de pobres que tem o valor da moeda da viúva. A comunhão de vidas partilhadas fazem a riqueza desta coluna: «Uma migalha muito pequenina (2 mil), mas, por ora, não é possível ser mais, pois, cá em casa, só o marido trabalha, quatro filhos estu-

dam, eu sou reformada e gasto bastante com os meus problemas de saúde. Que Deus vos dê forças, alegria e saúde». É mãe que muito ama. Da rua das Musas, 50.000\$00 e desfez-se a confusão. Outro tanto, do Nuno que nos proibiu de agradecer. Há meses, 26.000\$00, resultado duma subscrição, no local de trabalho. Avó, mãe e filha pedem desculpa por a quantia ser pequenina, mas é dada com muito amor. Com que ternura e gratidão acolhemos o cheque de 25.000\$00, da renúncia das crianças da Catequese e adolescentes das Caminhadas da Fé! Sem esquecer os Pobres da paróquia, pais e filhas repartem 12.500\$00 com a Casa do Gaiato. Recolhemos com devoção as lágrimas da viúva que falam do amor ao «meu querido marido». Mais um casal, em grande aflição, deposita em nossas mãos o seu sofrimento — que tem sido muito pesado. Busca alívio no dom de mil escudos. A multidão de visitantes passa pela sala dos cicerones e deixa o que o seu coração entende. Marido oferece vinte mil, em memória de sua esposa já falecida.

Todo o corpo sofre quando um membro sofre. As aflições repartidas custam menos a levar. «Rogo se digne empregá-lo (cheque de 30.000\$00) no caso mais aflitivo que, no momento, lhe esteja a passar pelas mãos, quer seja no Calvário ou numa família sem tecto; para ajudar uma mãe solteira ou mãe com muitos filhos, etc.» Mais «para tapar um buraco ou para umas telhas». Cinquenta mil, para ajudar a Obra e agradecer o jornal. Que Deus aumente a nossa vontade de dar, diz uma assinante. Sim, que Ele seja escutado no chamamento que faz à doação total da pessoa. Muitas vezes dez mil escudos, ora para liquidar a assinatura d'O GAIATO, em atraso, ora para a despesa relativa aos livros. «Peço que não deixem de me enviar os vossos preciosos livros que tanto bem me fazem.»

Quem pode resistir e calar-se perante a ternura de quem nos escreve assim: «Meu pai, se fosse vivo, faria 94 anos — 25 de Março, dia da Anunciação e Sábado Santo. Como de costume, nesta data, envio um cheque de 55.000\$00, valor actualizado, de acordo com a inflação... Que Deus envie à Obra da Rua o que ela mais necessita, que penso ser senhoras e sacerdotas que se dediquem de alma e coração aos que tanto precisam». É o entendimento certo da Obra da Rua. Os bens materiais são necessários. Não bastam. Toda a Obra que, primeiro, é construída no coração, permanece enquanto houver corações devotados.

Fique tranquila. Recebemos 20.000\$00, mas não dizemos donde vieram. Damos a notícia para alumiarmos caminhos por onde outros poderão passar, sem receio de serem vistos ou conhecidos. Da

assinante 53317, três mil e a alegria de saber que lê e relê O GAIATO. Mais outro verbo que aparece muitas vezes: **comover-se**. Tem tanta Força que é capaz de arrancar do mais fundo da pessoa a decisão radical de pôr-se a caminho. Jesus comoveu-se mais que uma vez. Uma delas foi diante da cidade de Jerusalém. Comoveu-se até às lágrimas. Chorou diante da miséria escondida por detrás dos seus muros e dentro dos belos edifícios. E foi. Entrou na cidade. Morreu por amor dela e de todas as cidades do mundo inteiro. Salvou porque amou.

Mais comoção: «Sou uma avó de dois netos, vossos assinantes, desde pequeninos. Mando uma triste migalha com muito amor; não mando mais porque eu e meu marido somos reformados e muito doentes». Mais: «Tive meu marido doente na cama durante 17 meses, em que eu tinha que lhe fazer tudo, como se fosse um bebé. Agora, Deus chamou-o. Por isso não tenho mandado nada. Vai um cheque de 10.000\$00 para ser aplicado onde julgarem mais necessário». São notas escritas com o coração. Outro tanto e a recomendação de não dizer nada. Depois, «vai mais, se Deus quiser». Que Cristo Ressuscitado seja para todos nós um incentivo para continuarmos a remar na subida deste mar social em que vivemos. Vieram 16.000\$00. Dádiva familiar, de 20.000\$00, do contabilista que não costuma enganar-se nas contas e, todos os meses, está presente. Casal, de



RETALHOS DE VIDA

## O «ROLHAS»

O meu nome: Celso Dias Manuel. Nasci em Angola, em 14 de Fevereiro de 1975, e o meu apelido é o «Rolhas». Tenho três irmãos.

Estou muito contente por estar aqui, na Casa do Gaiato. Foi o meu tio que me trouxe para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, no dia 29 de Agosto de 1986.

Nas horas livres do estudo, trabalho no hospital.

Celso Dias Manuel («Rolhas»)

## CALVÁRIO

Continuação da página 1

• **Procuo um «cháozinho» para construir a casa duma família que vive a «céu-aberto»**

2 Fonte antiga com esculturas talhadas na própria pedra! Outrora, lugar de privilégio, ponto alto, não só pela utilidade — como pelo aspecto digno e nobre. Agora, lixeira sofredora de latas e plásticos.

Foi esta a impressão, defronte de uma linda fonte no Bairro de Miragaia. Até dá para um largo de terra onde poderia ser um jardim com ruxos e flores!

À mesa do café, desde os altos políticos ao comum do povo, todos clamamos contra as ruas estreitas e esmagadas por altos prédios, contra os modernos becos das cidades, contra a falta de espaços, de jardins, de luz e de sol. Na prática, continuam a nascer prédios em cima das ruas e a não ficar uma nesga de encontro ao céu...

Triste civilização que nos vai desumanizando e metendo em tocas de formigas!

Mas, a que propósito?

Pois, vim a este chão de terra batida, junto da fonte de pedra, porque ando à procura dum «cháozinho» para construir uma casa para uma família que vive a «céu-aberto» num terceiro andar.

Fui depois aos Serviços e mostraram-me uma planta com um jardim desenhado (e já quase com flores!). Lindo! Sou pelo jardim. Só que terei muita pena se: nem fonte, nem jardim, nem casa...

Padre Telmo

## CANTINHO DAS SENHORAS

Foi na estrada de Emaús, à tardinha daquele primeiro Domingo de Páscoa. Eles caminhavam desalentados: O cansaço, a dúvida e a tristeza invadiam-lhes o coração...

Os milagres que Jesus fez!

Curou doentes, fez andar paralíticos, deu vista a cegos, ressuscitou mortos. Multiplicou pão e peixe. A aclamação grandiosa da Festa dos Ramos... Mas, a Cruz!

Tudo vai ficando no nevoeiro. Falta a esperança. O coração vacila. Jesus esconde-Se. Disfarça-Se. Torna-Se igual aos outros. Então, por vezes, a nossa cruz e a dos nossos Amigos apresenta-se-nos como derrota e não o sinal da Redenção. Mas Jesus é paciente e sabe esperar e explicar com carinho. «Não vos tinha Ele dito que essas coisas tinham de acontecer para entrar na Glória?» (Luc. 24) «Como pode ser?» — dir-nos-á Jesus, muitas vezes. «Esqueceres esta ajuda, aquele mimo, aquele sorriso, aquela presença, aquela amizade, aquele encontro? Naqueles momentos

escutaste, reconheste-Me e logo te esqueste que era Eu.»

Estamos em tempo Pascal. A presença de Jesus tem uma força nova. Tudo salta e rejubila de alegria. Até a Natureza. É Primavera!

Quero partilhar convosco algumas alegrias dos «Batatinhas» da casa-mãe. Já há muitos anos que um grupo de senhoras da Quinta do Anjo, Cabanas e Palmela nos vem dar, generosamente, o dia de quinta-feira, semana a semana. Muita roupa têm costurado e ajudado nos trabalhos domésticos! Porém, sempre fica algo por acabar.

A D. Celina já há uns anos nos dá o carinho e alegria de estar conosco largas semanas na preparação das roupas das Festas. A paciência dela!...

Mas há uma alegria nova. Dois grupos de senhoras vêm costurar e fazer muito trabalho doméstico. O de Arrentela, às segundas ou quintas-feiras; o da Sobreda, aos sábados. Preparam montes de roupa dos mais pequeninos.

Recebemos um carinho muito especial, neste cantinho da casa-mãe, desde o último Natal! Vieram aqui, discreta e anonimamente (ao Presépio vivo), muitas mãos, muitos corações... trazer carinho, presentes, mimos — para os mais pequeninos... E palavras de encorajamento: «Não posso estar fisicamente convosco, ajudando-vos, mas presente com a minha oração. Pode contar». Sim, podemos contar com a oração de muitas Amigas do coração.

No meio deste anonimato há ofertas, especialmente para a casa-mãe, e não posso deixar de manifestar também reconhecimento: lençóis, toalhas, almofadas, cobertores, colchas, cuequinhas e meias. Muita coisa linda e novinha! Reguengo de Monsaraz, Mira d'Aire, Grupo de S. Sebastião e os Amigos da minha terra. Que belas ajudas, Senhor! Fazem arder o nosso coração estas presenças e o carinho. Todos os dias

Continua na página 4

# AQUI, LISBOA!

«Todos nós somos poucos para trabalhar por um mundo melhor e este jamais o virá a ser, enquanto os homens se prenderem desordenadamente à terra.» (Pai Américo)

Ante o materialismo reinante, que muitos não querem ver denunciado, jamais nos poderemos calar. Não basta, porém, denunciá-lo, que a coerência deve estar sempre presente.

A sofreguidão do prazer e do ter, a qualquer preço, são visíveis a olho nu, dando lugar a uma insensibilidade ante os dramas dos mais carecidos e a uma sociedade permissiva e luxuriante, com todas as sequelas inerentes, dado que os valores morais são postos em causa ao mais alto nível. E sem valores morais não pode existir uma sociedade harmónica e feliz.

Dizia o sr. Presidente da República, em entrevista recente, «que há dinheiro fácil e sente-se porventura demasiado o peso do dinheiro na sociedade portuguesa» e que «a ostentação da riqueza e uma certa insensibilidade relativamente às dificuldades do maior número são fenómenos» que o incomodam. Mais: «Por toda a parte, o mundo ocidental vive a necessidade vital de revalorizar os valores morais e espirituais que fizeram a grandeza da nossa civilização».

Concordamos plenamente com as ideias acima expressas. Importa, pois, que todas as instituições e pessoas com peso na vida comunitária dêem o mote, evitando ostentações e vaidadezinhas dessorantes ou esbanjamentos perdulários, com manifesto prejuízo dos aspectos essenciais do conjunto em que nos inserimos e de que todos somos solidários.

Não temos nada contra os ricos ou poderosos que pelo seu trabalho honesto conseguiram ascender a altas posições, mas que não esquecem os seus deveres sociais e, não raro, discretamente, sabem repartir. Folgamos, por outro lado, que o nível de vida aumente, com o acesso aos bens essenciais por parte de todos os cidadãos. O sol quando nasce é para todos, diz o povo. O que não podemos aceitar é o egoísmo daqueles que vivem exclusivamente para uma afirmação pelo ter, às vezes com a utilização de processos pouco correctos e atropelando tudo e todos em ordem aos fins que se propõem atingir.

Se é certo que nem todos os homens tiveram à partida as mesmas

facilidades, muitos há que não aproveitaram aquelas que lhes foram facultadas, delapidando até ocasiões ímpares de se cultivarem e de levarem uma vida decente e digna. Daí muitos frustrados e invejosos, amigos, em muitos casos, de buírem na honra dos outros e de recorrerem aos expedientes mais díspares.

Disse Pai Américo que «todos nós somos poucos para trabalhar por um mundo melhor». De qualquer modo, essa responsabilidade incumbe, em primeiro lugar, aos poderosos, que pelo seu saber, pelos bens de que dispõem ou pelas posições-chave que ocupam, estão em condições de influir decisivamente no teor de vida da sociedade. Mal será, porém, que se deixem prender desordenadamente à terra e se demitam dos seus redobrados deveres para com os outros, nomeadamente dos mais pobres ou carecidos. É que o exemplo deve vir de cima.

Padre Luiz

## CANTINHO da FAMÍLIA

O pequeno bateu à porta do escritório a anunciar a presença duns senhores que queriam falar comigo. Saí e abei-me das escadas que dão para o átrio da varanda da casa-mãe. Aguardei-os.

Vagarosamente, com passo firme, subiam os degraus de madeira. Não os conhecia. Porém, a nobreza e a dignidade das pessoas que estavam diante de mim espelharam-se no olhar sereno, no rosto sorridente e feliz.

Entrámos. Foi a apresentação: marido e mulher, na celebração das bodas de ouro do seu matrimónio, vieram visitar a Casa do Gaiato. A alegria da festa contagiou-me e não me contive. Abracei-os. Agradei o dom da sua presença. Foram 50 anos de vida em comunhão. Serão, ainda, os que Deus quiser, no futuro.

Ao escrever esta nota, com muito custo, seguro as lágrimas: O Pedro, o Bruno Filipe, o Ricardo, o «Balãozinho», o Ilídio e o Luís não me largam. Abrem e fecham a porta do escritório, num rodopio sem parar. São os mais novos da Casa. Ao falar da família unida até ao fim, retratada neste casal, vejo a deles desmontada, desfeita em farrapos, com as consequências mais tristes para eles. Vejo o desabar da sociedade que não tem na família estável o ponto de referência, a garantia da sua sobrevivência como nação, como povo saudável e feliz.

A alegria da visita deste casal, em festa das bodas de ouro do seu matrimónio, foi a grande novidade daquele dia. O seu cartão, escrito pelo seu punho, fica para a posteridade: «Ao completar, hoje, 50 anos de casados, saudamos a Casa do Gaiato entregando estas pequenas lembranças e um cheque de 50.000\$00 para a assinatura d'O GAIATO e dos livros. O restante será para o que for mais

# Tribuna de Coimbra

Hoje, acordei mais cedo com passos a descer as escadas. A luz do dia começava a aparecer. Comecei a pensar o porquê deste madrugar e tranquilizei-me: Era o grupo do «Tó» que ia para a «terra dos grilos» acabar de espalhar o estrume para o tractor começar a lavrar a terra para semearmos os últimos sacos de batata. Trabalho que devia ter ficado pronto ontem. Ao fim do dia já andavam cansados e começaram a cantar. De Casa, ouvia suas vozes e achei graça. A cantar àquela hora e naquele trabalho! A noite chegou e vieram jantar e dormir.

Às oito horas, quando o tractor chegou, o estrume estava no seu lugar e contentes pelo dever cumprido. O «Tó» era o mais agarrado. O tractor começou a faina.

«Quem não trabaça não manduca» — oiço, muitas vezes. O trabalho é grande força de regeneração. Os milagres que, nestes anos, tenho visto operar!

Fico quase sempre amargurado quando ouço, ou leio, certos comunicados sobre o trabalho. Tenho a convicção de que são feitos, muitas vezes; por gente que nunca trabalhou, que não saboreia o pão com o suor do rosto: o amor ao trabalho, a responsabilidade de cada um na função que desempenha. O «Tó», o «Quatro», o «Charrua» e o Joãozito (Arcil) tomaram o leite quente das nossas vacas com o pão fresco da nossa padaria; pão barrado com manteiga. Leite e pão com manteiga que eles ganharam. Eu fiquei contente a ver o Tonito a conduzir o tractor, a lavrar a terra para mais pão.

Padre Horácio

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

• A exemplo de 1987, vamos organizar um passeio/visita às nossas Casas do Gaiato, do Centro e Sul do País, nos próximos dias 17 e 18 de Junho. Teremos oportunidade de conviver com centenas de irmãos nossos!

Daremos preferência aos que não tiveram possibilidade de ir em 1987. No entanto, os que já realizaram o passeio poderão inscrever-se e, pela ordem de chegada, preencherão as vagas que surgirem. Os sócios receberão, brevemente, um boletim de inscrição.

PROGRAMA — 17 de Junho: 7,30 h, partida do Porto (junto ao Lar); 12 h, almoço na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo; 15 h, partida para a Casa do Gaiato de Setúbal (jantar e dormida). 18 de Junho: 9 h, partida para a Casa do Gaiato do Tojal; 12 h, Missa comunitária; 13 h, almoço; 15 h, regresso ao Porto com passagem por Fátima.

• CONVÍVIO ANUAL — Está marcado para 16 de Julho, em Paço de Sousa. Oportunamente publicaremos mais notícias sobre o encontro.

Carlos Gonçalves

## CANTINHO DAS SENHORAS

Continuação da página 3

é preciso pôr lençóis lavados nas caminhas. Vou estar à vontade com os «Batatinhas» por causa das vossas ajudas. É Ele que está aqui nestes pequeninos. Pequenino no Presépio, preso na Cruz e Ressuscitado no coração e generosidade de tantos Amigos. As colchas de lã em cada caminha que a tia Júlia vem

fazendo há tantos anos! Que lindas! Cada vez que olho para a tia Júlia, para os seus dedinhos, tão gastos, penso: — Com que carinho irá Jesus receber e abraçar esta mulher, um dia!

«Tudo o que fizeste aos mais pequeninos, em Meu Nome, foi a Mim mesmo que o fizestes.» (Mat. 25).

Senhor! Obrigado!  
Obrigado porque és Pai  
Obrigado porque és Irmão  
Obrigado pelas Amigas  
Que a nós vêm pela Tua Mão.

Isaura (de Setúbal)

necessário. Um abraço dos amigos e que Deus nos acompanhe. Júlia e Eduardo». Eis.

Padre Manuel António



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285  
Fotocomp. e imp. offsel: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898

Depósito Legal n.º 1239  
Tiragem média durante o mês de Abril: 71.900 exemplares

# FESTAS

Continuação da página 1

encontrar jovens com a generosidade e humildade deste Gaiato. Ele que tanto precisava de descansar e de estudar — esqueceu-se radicalmente de si!

Padre Acílio

## SUL

6 de MAIO, 21,30 h — Incrível Almadense — ALMADA  
12 » » » — Luísa Tody — SETÚBAL  
20 » » » — Centro Paroquial da COVA DA PIEDADE  
21 » » 21 h — Salão dos Bombeiros Voluntários de ÁGUAS DE MOURA  
24 » » 21,30 — Sociedade Operária Amorense — AMORA  
27 » » » — Salão dos Bombeiros V. de PINHAL NOVO

☆

Fez-me tão bem aquela hora, no átrio do Gil Vicente, de Coimbra, até abrirem as portas para as pessoas entrarem! Coisas lindas os meus ouvidos escutaram e os olhos viram nas caras de riso! Muita gente que só sai de casa para ir às Festas dos gaiatos e nunca faltaram! — Então havíamos de faltar à Festa destes meninos? Temos toda obrigação de lhes dar carinho e ajudá-los a criar. E muitos outros desabafos de consciências que sentem.

Os Rapazes têm razão na mensagem que dão às Festas: Mensagem de inquietação. Um segredo. Um ninho. Um ovo. «Ovo de Colombo»!

Um mundo em luta. Uma juventude à procura de falsos valores. Um encanto que vai ser desencanto. Tem de haver prostração dos inocentes para haver conversão dos adultos.

Quando todos se dão as mãos, encontram a paz — e quem construir a paz.

As salas têm sido enchentes — de corpos, de almas e de corações! Vamos continuar.

Padre Horácio

## CENTRO

6 de MAIO 15,30 h — Teatro-Cine — COVILHÃ  
7 » » » — Salão da Misericórdia CASTELO BRANCO  
18 » » 21,30 h — Teatro de Anadia — ANADIA  
19 » » » — Cine-Teatro — TOMAR  
20 » » » — Salão dos Bombeiros — LOUSÃ  
21 » » 15,30 h — Sala do Casino — FIGUEIRA DA FOZ  
27 » » 21,30 h — Cinema Messias — MEALHADA